

Aula 07 – Literatura Contemporânea

ITA - 2021

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

Apresentação	3
1 – Literatura Contemporânea	3
<i>Cotidiano e simplicidade</i>	4
<i>Cultura de massa</i>	5
<i>Forma breve</i>	5
<i>Intertextualidade</i>	6
<i>Meios digitais</i>	7
<i>Memorialismo</i>	8
<i>Poesia Marginal</i>	8
<i>Vozes dissonantes</i>	9
2 – Música	11
<i>O que é música?</i>	11
<i>Música e literatura</i>	12
3.1 – Como interpretar uma canção	12
3.2 – Linha do tempo da música brasileira	14
4 – Exercícios	15
4.1 – Lista de Exercícios	15
4.2 - GABARITO	33
4.3 – Exercícios comentados	34
Referências	59
Considerações finais	59

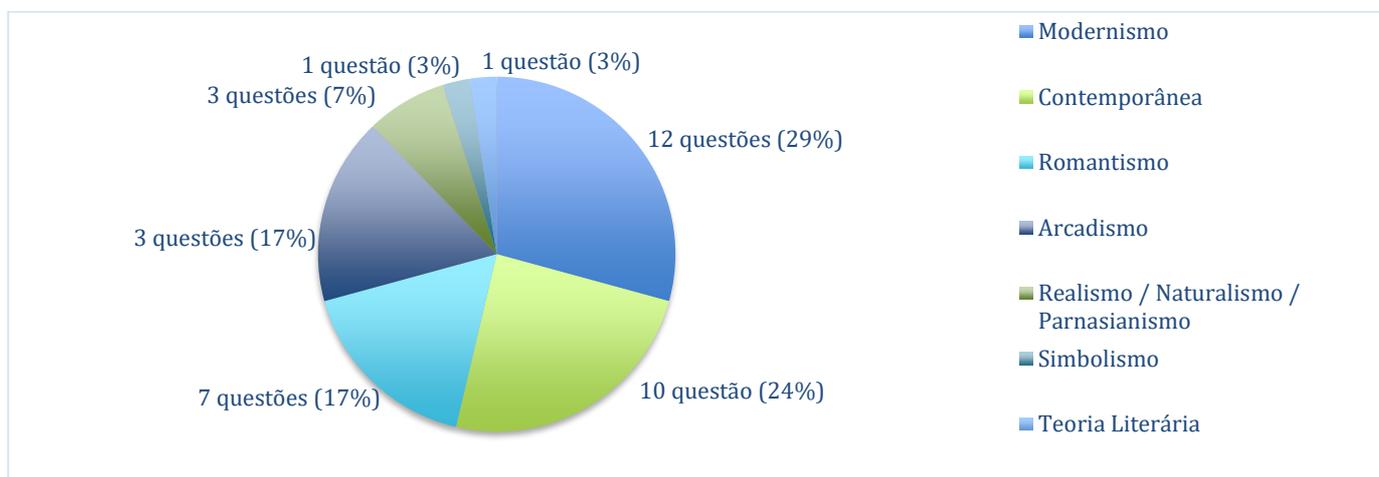


Apresentação

Querido aluno,

Essa é uma aula essencialmente de **repertório**. A maioria dos textos literários, ainda que apareçam na parte de literatura da prova, são mais de interpretação do que conhecimentos de movimentos literários. Ainda assim, é interessante que você tenha conhecimento de alguns autores e tendências de literatura contemporânea. Isso irá facilitar a sua interpretação uma vez que a literatura contemporânea, junto com o modernismo, representa a maior parte dos textos pedidos nos últimos anos.

Relembre o gráfico:



Assim, é importante que você seja capaz de interpretar a literatura contemporânea, reconhecendo suas particularidades.

Vamos lá?

1 – Literatura Contemporânea

Chegamos agora em um dos assuntos mais difíceis de sistematizar: a literatura contemporânea. A verdade, é que não há consenso ainda sobre o que seria essa literatura contemporânea brasileira. O que vamos fazer aqui é destacar algumas **impressões** acerca da produção literária brasileira **a partir dos anos 1970**.

Alguns dados devem ser levados em consideração quando se pensa no Brasil contemporâneo:

- O Brasil passa por uma ditadura militar entre os anos de 1964 e 1985. Isso impacta o modo de produção das artes, pois era preciso lidar com a censura, tanto imposta pelo governo quanto a chamada autocensura, ou seja, os próprios artistas limitavam suas ideias para não sofrer represálias. Essa censura era muito mais **moral** do que **política**.

- Enquanto **representação política**, o homem chega na segunda metade do século XX ainda sem respostas. A desigualdade e exploração pelo trabalho da sociedade capitalista não foi eliminada; as tentativas de implantação de estados socialistas ou comunistas falharam, criando Estados com desigualdades sociais tão profundas quanto, além de um sistema burocrático que imobilizava os homens.
- A cultura de massa alcança fortemente o Brasil, impactando o modo como os artistas dialogam com as referências estrangeiras. O cinema e a televisão, principalmente americanos, passam a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.
- Há um aceleração das informações, principalmente com a **internet**.

Tendo em mente que não seria uma tarefa fácil tentar analisar o contexto histórico e seus impactos no pensamento e produção artística contemporânea, optamos por pensar em **tendências e processos de produção da literatura do contemporâneo**. Vamos ver como tem sido essa produção da segunda metade do século XX até hoje.

Cotidiano e simplicidade

Alguns autores do contemporâneo voltam seu olhar para o cotidiano e a simplicidade. Isso pode aparecer de diversas maneiras: nas crônicas de assuntos corriqueiros ou nos textos em prosa sobre situações banais. Na poesia, o principal aparecimento está no olhar para as coisas simples. Duas poetisas que se dedicam sobre esses temas têm aparecido nos vestibulares:



Cora Coralina (1889 - 1985): Poetisa que só ingressa na vida literária aos 76 anos. Sua poética se baseia nos detalhes, escrevendo sobre o cotidiano com delicadeza. Seus poemas são muito atentos às miudezas do dia a dia. Veja um trecho do seu poema “Saber viver”:

“Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas. (...)”

Adélia Prado (1935): A autora publicou seu primeiro livro aos 40 anos, tendo sido rapidamente aclamada pela crítica. Seus poemas buscam ressignificar o cotidiano, usando linguagem simples e valorizando as pequenas coisas. Veja um trecho do seu poema “A serenata”:

“Uma noite de lua pálida e gerânios
ele virá com a boca e mão incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa. (...)”



Cultura de massa

A literatura contemporânea é fortemente influenciada pela chamada **cultura de massa**. Chama-se de cultura de massa **os produtos da indústria cultural**, ou seja, as expressões da cultura produzidas com o intuito de serem vendidas e gerar lucro. Seu objetivo é atingir o grande público. Uma de suas principais características é ser capaz de absorver aquilo que se opõe a ela: sabe aquele programa que passa na televisão e fala mal de televisão? É isso!



Fonte: Pixabay

As principais influências da cultura de massa na literatura partem do cinema e da televisão. Hoje em dia, é possível ouvir falar também em **cultura pop**. São expressões, portanto, intimamente ligadas à ideia de **consumo**.

No Brasil, o diálogo com a cultura de massa mais popular é a **Tropicália**, movimento musical que surge nos contextos dos festivais de música do fim dos anos 1960. Os principais integrantes foram **Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os mutantes** e **Tom Zé**. Até hoje, porém, os escritores trabalham com referências a elementos da cultura pop.

Os diálogos com a cultura de massa têm como uma de suas principais características a referência à **linguagem cinematográfica**, principalmente no aspecto da fragmentação, dos flashes de imagens e das sequências montadas a partir de ideias distintas sobrepostas. Além disso, fazem uso frequente do humor e da ironia. Veja um trecho do poema “Geleia Geral”, de Torquato Neto, que traz exemplos de referência à cultura de massa:

“É a mesma dança na sala, no Canecão, na TV
E quem não dança não fala, assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil:
Doce mulata malvada, um LP de Sinatra, maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano, superpoder de paisano, formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela, carne-seca na janela, alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade jardim
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi”

Forma breve

Há um aparecimento significativo de formas literárias breves. Na prosa, isso fica demonstrado na preferência pelo conto e pela crônica; na poesia, pelos poemas curtos de poucos versos e pelo haicai.



O **haicai** é um poema de três versos em que o 1º verso possui 5 sílabas poéticas, o 2º verso possui 7 sílabas poéticas e o 3º verso possui 5 sílabas poéticas. Ainda que os poetas desse período tenham subvertido um pouco a contagem das sílabas, convencionou-se chamar haicai os poemas de três versos produzidos no período.

Dentre os poetas que trabalham com o haicai, Alice Ruiz é a que tende a aparecer com mais frequência nos vestibulares.

Alice Ruiz (1946): Poetisa, compositora e tradutora paranaense. Desde os anos 1970, investiga a forma poética do haicai e produz muitos poemas nesse formato.

Veja abaixo um exemplo de poema seu:

“Você deixou tudo a tua cara
Só pra deixar tudo
Com cara de saudade.”



Dentre os principais representantes da prosa curta do período, encontramos:

- Contos: Caio Fernando Abreu, Dalton Trevisan, Hilda Hilst e Rubem Fonseca.
- Crônica: Fernando Sabino, Lya Luft, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes e Moacyr Scliar.

Intertextualidade

Os autores contemporâneos frequentemente fazem referência a outros autores. Muitas vezes, essas referências são bastante explícitas. Noutras, nem tanto. **Tem sido muito comum em vestibulares questões que comparem poemas contemporâneos com outros que os inspiraram.** Veremos melhor esse assunto na aula 10 de nosso curso.

Veja abaixo um exemplo de intertextualidade. Um dos poemas mais conhecidos de Adélia Prado é este em que ela faz uma referência explícita a um poema de Carlos Drummond de Andrade:

Com licença poética (Adélia Prado)	Poema de Sete Faces (Carlos Drummond de Andrade)
<u>Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira.</u> Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos — dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. <u>Vai ser coxo na vida,</u> é maldição pra homem.	<u>Quando nasci, um anjo torto Desses que vivem na sombra Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida</u> As casas espiam os homens Que correm atrás de mulheres A tarde talvez fosse azul Não houvesse tantos desejos O bonde passa cheio de pernas Pernas brancas pretas amarelas Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração Porém meus olhos Não perguntam nada (...)
Mulher é desdobrável. Eu sou.	

Além disso, há uma tendência a misturar diferentes linguagens nos textos em prosa. Há misturas entre romance e texto jornalístico, poemas em prosa, textos em prosa poética, biografias com aspectos ficcionais, contos misturados com crônicas. A **não fixação de uma forma é bastante característica da literatura contemporânea.**

Meios digitais

Mais recentemente, um elemento que tem sido importante para a escrita literária é a **internet** e os **meios digitais**. Além das referências temáticas – obras cujos assuntos se debruçam sobre o tema da vida digital – a internet modificou a relação da literatura com o público e com a divulgação da obra literária.

A primeira década dos anos 2000 foi especialmente profícua para os **blogs**. Atualmente um pouco em desuso, os blogs eram uma espécie de diário aberto. Ali se podia produzir conteúdo escrito tanto pessoal quanto ficcional, literário. Muitos autores que hoje se dedicam à escrita de livros físicos começaram suas carreiras escrevendo em blogs nesse período.

A **linguagem da internet** também é diferente da linguagem acadêmica. Há maior liberdade formal e maior flexibilidade da norma culta, além de uma capacidade de síntese que permita que a informação seja passada rapidamente. Essas características também transbordam para a literatura contemporânea.



INSTAPOETAS

Você sabe o que são “instapoetas”?

Instapoetas é o nome dado a uma geração de autores que utilizam plataformas como o Instagram e o Facebook para publicarem seus conteúdos. Ao invés de procurarem uma editora que aposte em seu trabalho, esses escritores **publicam conteúdo online e formam público leitor**. E aí, o contrário acontece: as editoras é que buscam os autores para publicar livros com suas poesias.

A maioria dos instapoetas produzem textos curtos, com versos livres e brancos. As temáticas favoritas são o amor e os relacionamentos. Há também o aparecimento de temas sociais, como preconceito, por exemplo. As poesias costumam aparecer em imagens com design bem pensado, acompanhadas de ilustrações ou com fontes diferentes. Eu aposto que você já viu vários desses perfis pela internet!

Alguns instapoetas bastante populares no Instagram são:

- **João Doederlein:** @akapoeta
- **Rupi Kaur:** @rupikaur_
- **Ryane Leão:** @ondejazzmeucoracao
- **Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente:** @textoscruéisdemais



Memorialismo

Uma outra tendência importante do contemporâneo é a vontade de se debruçar sobre a questão da **memória**. São comuns os livros que misturam elementos ficcionais com relatos autobiográficos. Alguns autores que tinham sido exilados durante o regime militar, ao retornar para o Brasil, produziram autobiografias com traços reflexivos, revendo a sua própria história.

Outro traço do memorialismo na literatura brasileira é o interesse em publicar **diários**. Por muito tempo, entendeu-se literatura como obras de ficção. No contemporâneo, os relatos pessoais, não fictícios, começam a ser vistos dessa forma também.

Dois diários se tornaram muito conhecidos na literatura contemporânea:

Quarto de despejo: diário de uma favelada

O livro foi escrito por Carolina Maria de Jesus, moradora de uma favela em São Paulo. Lançado em 1960, o livro reproduz o diário de Carolina, narrando seu cotidiano vivendo na pobreza na cidade de São Paulo dos anos 1940. Como muitos diários, tem linguagem simples e marcada pela oralidade, característica acrescida pelo fato de que Carolina era uma mulher muito simples e praticamente sem escolaridade.



Feliz ano velho

Feliz ano velho é o primeiro livro de Marcelo Rubens Paiva. O livro retrata suas memórias a partir de um acidente que muda sua vida: aos vinte anos, ele sobe em uma pedra e mergulha numa lagoa, sem perceber que ela era muito rasa. O acidente faz com que ele perca os movimentos do corpo. O livro relata todo o processo de recuperação parcial do autor e dos pensamentos de um jovem que compreendia sua nova condição.

Poesia Marginal

A produção literária com viés social fica prejudicada com a censura. Foi preciso se valer de meios que driblassem a censura, então a linguagem mais metafórica e as referências indiretas acabavam sendo muito acessadas. Alguns poetas driblaram a censura de outro modo, porém: publicando e distribuindo eles próprios sua poesia. Esses são os **poetas marginais**.

mimeógrafo: é a avó da impressora. Consistia em uma máquina que copiava os textos a partir de uma matriz. Escrevia-se numa folha especial (matriz) e colocava-se essa folha num cilindro de feltro embebido em álcool. Quando em contato com uma folha em branco, o álcool transferia o conteúdo da matriz. As cópias tinham cheiro muito forte de álcool e possuíam cor azul-arroxeadas.

Os poetas marginais encontraram outros meios de distribuir sua poesia que não precisasse passar pelo crivo da censura. Assim, os autores produziam e vendiam a valores baixos revistas, folhetos, cartazes etc., sempre em pequenas tiragens. As obras eram impressas em **mimeógrafo**. Por isso, eram também chamados de **Geração Mimeógrafo**.



Os poemas eram em sua maioria **curtos**, com **referências visuais** e **linguagem coloquial**. Muitas das temáticas eram ligadas ao erotismo e ao **cotidiano** – principalmente da vida das cidades. Há também a presença de **gírias**, **palavrões** e palavras de baixo calão.

Os autores mais populares da poesia marginal nos vestibulares são:



Paulo Leminski (1944 – 1989): Poeta, tradutor, crítico literário e professor, Leminski ficou conhecido por seus poemas breves, usando com frequência o haicai. Observe a experimentação formal presente em um de seus poemas mais conhecidos:

não discuto
com o destino

o que pintar
em assino



Ana Cristina Cesar (1952 – 1983): Poetisa, tradutora e crítica literária, Ana Cristina Cesar ficou conhecida como uma das vozes femininas mais importantes da geração. Sua poesia discute questões ligadas à feminilidade e relacionamentos. Observe um poema em prosa da autora:

noite carioca

Diálogo de surdos, não: amistoso no frio. Atravanco na contramão. Suspiros no contrafluxo. Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo

Vozes dissonantes

Outra característica importante da literatura contemporânea é a presença **das vozes dissonantes**, ou seja, da abertura de espaço para autores com perfis que normalmente não estavam na literatura. Você deve ter percebido que há **escritores com perfis bastante diferentes** nessa aula: homens e mulheres, negros e brancos, pessoas de origem pobre ou não... isso é um traço do contemporâneo. Há **interesse em ouvir vozes diferentes**. Se durante boa parte da história, a literatura era feita por homens de classe alta, no contemporâneo há uma maior abertura para pessoas com outras vivências.

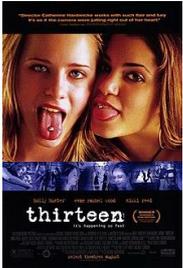
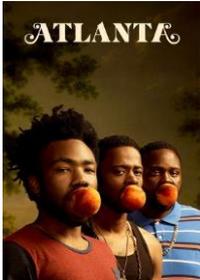
Isso se deve também, em parte, às mudanças no modo de produção e divulgação das obras. Com o maior acesso que a internet permitiu, mais pessoas puderam produzir textos. Além disso, a internet facilita a criação de **comunidades**, espaço de interesse comum. Nas redes sociais, é possível

encontrar grupos que incentivam a leitura de obras de determinados estratos sociais, o que ajuda na circulação de obras que, por vezes, não ganhavam atenção das editoras.

Ainda assim, fora do meio da internet, o perfil do escritor brasileiro é parecido ao longo de todo o período contemporâneo. Pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Contemporânea a UnB revelou que ainda hoje, cerca de 70% dos autores são homens e 97% são brancos¹. Isso indica que ainda que tenha havido diversificação aparente nos autores, a realidade é que as vozes dissonantes ainda estão em **grande minoria**.

¹Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/pesquisa-da-unb-perfil-do-escritor-brasileiro-nao-muda-desde-1965>> Acesso em 13 mai. 2019.

Preparamos uma lista de filmes em que as questões sobre a contemporaneidade levantadas aqui aparecem. São todos filmes bem recentes. Quantos você já viu?

<p>Ex_Machina: Instinto Artificial (Dir.: Alex Garland, 2015)</p>  <p>Meios digitais</p> <p>Programador ganha concurso cujo prêmio é testar uma inteligência artificial criada por um bilionário excêntrico. Ele acaba se envolvendo com a criatura e já não sabe em quem confiar.</p>	<p>Clube da Luta (Dir.: David Fincher, 1999)</p>  <p>Cultura de massa</p> <p>Jovem executivo insatisfeito que dribla sua mediocridade consumindo sem parar. Ele conhece um estranho misterioso e fundam um clube secreto em que extravasam suas frustrações em lutas violentas.</p>	<p>Babel (Dir.: Alejandro González Iñárritu, 2007)</p>  <p>Forma breve/fragmentação</p> <p>Três histórias correm em paralelo, como pequenos contos que se misturam: um casal no Marrocos, atingido por um tiro; uma babá mexicana cuidando de duas crianças; e um homem no Japão com sua filha surda.</p>
<p>Aos treze (Dir.: Catherine Hardwicke, 2003)</p>  <p>Memorialismo</p> <p>Drama autobiográfico. O roteiro conta a história da própria diretora que, no início da adolescência, faz amizade com uma garota popular da escola que a leva para um mundo de drogas, criminalidade, entre outros.</p>	<p>O amor não tira férias (Dir.: Nancy Meyers, 2006)</p>  <p>Cotidiano/simplicidade</p> <p>Duas mulheres trocam de casa para suas férias. Elas mudam completamente de vida: uma, vai para uma pequena cidade inglesa e a outra para uma mansão em Los Angeles. Elas passam a encontrar beleza no cotidiano.</p>	<p>Atlanta (Dir.: Donald Glover, 2016)</p>  <p>Poesia marginal</p> <p>Alguns dos herdeiros das experiências marginais foram as batalhas de rap. A série Atlanta mostra o cotidiano de um rapper e um pretenso empresário musical tentando crescer de maneira independente.</p>

2 – Música

Por fim, vamos pensar em um último tipo de texto literário que tem aparecido no vestibular do ITA: a **música**. Daqui de onde estou, eu consigo escutar todas as dúvidas de vocês:



- Música é texto literário??
- Agora a gente analisa música??
- Música não é pra ouvir e curtir??
- Eu nunca aprendi a tocar nada, como vou analisar música??

Calma! Vamos pensar tudo isso por partes. E vamos começar do mais básico: **o que é música?**

O que é música?

A palavra “música” vem do grego *μουσική* (*mousiké*). Significa “a arte das musas”. As musas são figuras da mitologia greco-latina que se acreditava serem capazes de inspirar os homens na criação artística – e por vezes científica. A arte que misturava diversos traços das musas ficou conhecida pela palavra música.

A etimologia da palavra, porém, não responde à pergunta: como definir o que é música?

A música é uma combinação de sons e silêncios, gerando um todo de sentido. Ela é composta de três elementos:

- **Harmonia:** é a combinação de sons e os intervalos entre eles. Se refere à organização das notas musicais. Dependendo de como elas são organizadas podem transmitir diferentes emoções, como alegria, tristeza, entre outros.
- **Melodia:** é uma sequência de notas tocadas sucessivamente. Sabe quando você **assobia** uma canção ou **entona** seu som, sem cantar nenhuma palavra? Esse som é a melodia.
- **Ritmo:** tem a ver com **velocidade** e **tempo**. O ritmo organiza o som num espaço de tempo: dita se uma música será mais rápida ou mais lenta, por exemplo.



courtesy of www.alfonsmucha.org
Alphonse Mucha, Music. From the arts series (1898).

Para a análise literária, o mais importante são as **canções**. Uma canção é uma forma musical composta por um **texto poético** e uma **música**. A maioria dos vestibulares apresentará as letras de canções para que você interprete. A canção, portanto, é um texto com elementos **verbais e não verbais** a serem interpretados, principalmente quando aparecem canções que conhecemos, pois se torna mais difícil não ler o texto já na melodia em que ele é cantado.

Música e literatura



Historicamente, a relação entre a música e a literatura é antiga. No período greco-romano, música e poesia eram praticamente indissociáveis. Os poemas épicos da antiguidade, como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero foram pensados para serem cantados, pois acreditava-se que **a música facilitava a memorização**. Não é por acaso que nós decoramos muitas canções facilmente, enquanto poesias, já nem tanto. Pense quantas canções você sabe de cor!

Então por muito tempo, antes da popularização da escrita – o que só deve acontecer por volta do século XV, com a invenção da imprensa por Gutemberg – a música é uma aliada na transmissão da literatura. A poesia era, portanto, feita para se **declamada**.

Em português, tendemos a chamar o texto poético que compõe a canção de **letra de música**. Como esse é o termo mais comum nas provas de vestibulares, vamos nos referir ao texto poético dessa maneira.

3.1 – Como interpretar uma canção

Podemos pensar em dois modos possíveis de interpretar uma música: **análise musical** e **crítica musical**:

Análise musical:

Se foca sobre os sons, os elementos que os compõe e as estruturas musicais. Pensa a forma e o conteúdo a partir da matéria, não da opinião pessoal.

Crítica musical:

Comentário voltado para o valor estético de uma música ou canção, ou seja, procura valorar em bom e ruim, dependendo de critérios tomados como base, que podem ser pessoais ou não.

É muito importante que você lembre dessa diferença. **Interpretar uma canção nada tem a ver com seu gosto pessoal**. Você pode encontrar letras de músicas que você não gosta na prova. É preciso que você deixe sua opinião pessoal de lado para interpretar uma canção. **Você deve fazer uma análise, não uma crítica**.



GÊNEROS MUSICAIS?

Sim, é possível falar em gêneros musicais! A maioria das canções e músicas pode ser dividida em quatro grandes grupos:

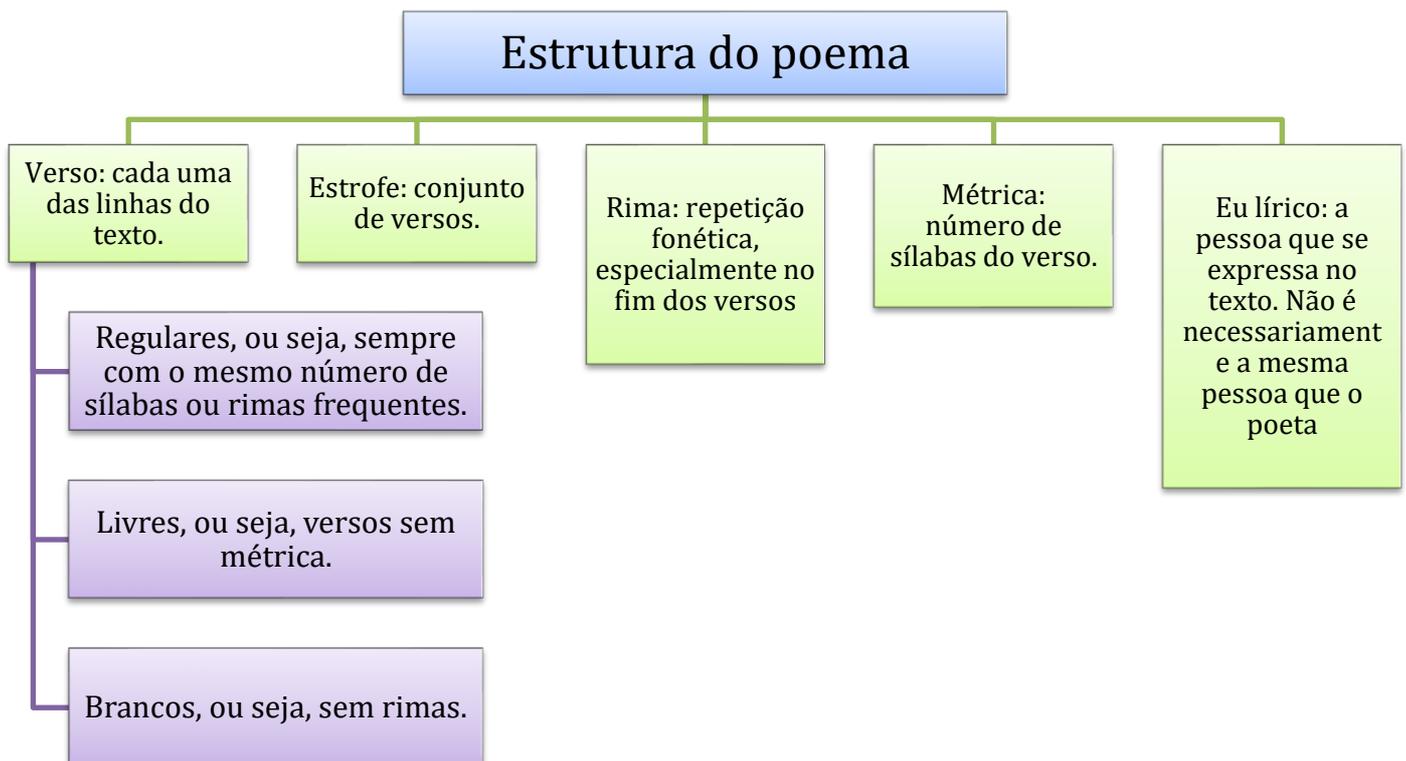
- **Música erudita:** também chamada de “música clássica”. Costuma ser tocada em concertos e não conter texto poético. Muitas vezes é executada por orquestras.
- **Música popular:** são as músicas mais ouvidas pelo grande público. Faz parte de uma indústria cultural, sendo comercializada com objetivo de gerar lucro.
- **Música religiosa:** acessada em festividades ou liturgias, usada para adoração ou oração.
- **Música tradicional:** produções regionais, ligadas a expressões folclóricas ou rituais.

Os gêneros podem se misturar e contaminar. Não é necessário que uma música ou canção pertença a apenas um gênero.



Beethoven

Interpretar uma letra de música é como interpretar um poema. **Preste atenção à estrutura (forma) e ao conteúdo, buscando relacioná-los.** Lembre-se do que compõe a forma poética:



3.2 – Linha do tempo da música brasileira

Anos 1940
Governo Vargas
Era do rádio
Vitrola



Ritmos raiz: influenciarão no futuro

Nessa época, há quatro grandes grupos de música popular no Brasil:

- Baião (Luiz Gonzaga).
- Cantores de rádio (românticos).
- Música caipira (vida no interior).
- Samba.

Anos 1950
Governo JK
Televisão a cores
Disco de Vinil



O novo

- Surgimento da Bossa Nova (João Gilberto, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Nara Leão).
- Baião se populariza, com programa na tv.
- Carmen Miranda faz sucesso no exterior.

Anos 1960
Regime Militar
Guerra Fria
Fita cassette



Rupturas

- Era dos festivais: surgimento da MPB (Chico Buarque, Elis Regina).
- Tropicália (Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os mutantes).
- Jovem Guarda (Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa).
- Samba rock (Jorge Ben).

Anos 1970
Lei da Anistia
Discotecas



Surgimentos e Ressurgimentos

- Sertanejo se renova com Sérgio Reis.
- Surge rock nacional de Rita Lee e Raul Seixas.
- Revalorização do samba com Alcione.
- Surge a música disco com As Frenéticas.
- MPB fortalecida (Gonzaguinha, Maria Bethânia).

Anos 1980
Diretas já
Primeiro Rock in Rio
CD



Outros ritmos

- Lambada.
- Rock nacional (Legião urbana, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial).
- Sertanejo romântico, afastado do tema rural.
- Samba com apelo de Mercado: Zeca Pagodinho.
- Rap.

Anos 1990
Governo Collor
MTV no Brasil
Fim da URSS



Ritmos populares

- Pagode.
- Axé.
- Início do sertanejo e do forró universitário

Anos 2000
Governo Lula
Internet e YouTube
MP3



Nova música brasileira

- Nova MPB: Marisa Monte, Los Hermanos etc.
- Funk carioca.
- Influência dos movimentos americanos como Emo (Fresno, Restart) e pop rock (Jota Quest, Skank)

Anos 2010
Política conturbada
Fim da MTV no Brasil
Itunes



Contemporâneo

- Novo sertanejo: emotivo e com vozes femininas.
- Pop-funk: Anitta e Ludimilla.
- Rap ganha novo espaço: Emicida e Criolo.
- MPB jovem: Anavitória, Tiago Iorc.
- Música eletrônica nacional.



#DICADATIA

Quando o texto poético for uma letra de música, eis alguns tópicos para prestar a atenção:

Artista: Ter algum conhecimento sobre o artista que escreveu a canção e o período em que se encontra pode ser um trunfo na hora de interpretar letras de músicas.

Figuras de linguagem: canções costumam contar com um bom uso de figuras de linguagem. Metáforas e antíteses são algumas das mais comuns, mas não são as únicas.

Sonoridade: o som das palavras e a melodia da canção podem ser aliados na hora de interpretar. Se você conhece a canção, tem grandes chances de perceber quais as partes mais importantes, indicadas pelo refrão ou por alguma mudança na melodia, por exemplo.

Título da canção: costuma sintetizar o conteúdo da letra ou os elementos mais importantes do texto.

4 – Exercícios

Antes de iniciar os exercícios, aqui vão algumas informações:

- Os textos a serem interpretados são bastante longos. Optamos por manter os textos para que você se habitue com o modo como a prova do ITA se estrutura.

Lembre-se que mais do que uma aula de literatura, essa é uma aula de interpretação. Na prova do ITA, é possível responder às questões interpretando o texto ainda que não se conheça as obras. Nossa intenção aqui é apenas facilitar seu trabalho.

Vamos lá?

4.1 – Lista de Exercícios

1. (ITA - 2017)

Sobre o poema de Manuel Bandeira,

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.



Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.)

- é INCORRETO afirmar que a relação afetiva entre o sujeito lírico e Irene
- faz com que a descrição dela seja permeada pela visão carinhosa dele.
 - torna a linguagem mais coloquial, espelhando a ligação afetuosa dos dois.
 - é responsável pelo tratamento informal dado a uma entidade religiosa.
 - é um mero disfarce da desigualdade entre brancos e negros.
 - é, na visão dele, compartilhada até mesmo por São Pedro.

2. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro *Lira dos cinqüentanos*.
Velha chácara

A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinquenta anos.)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

– Mas o menino ainda existe.

- O poema apresenta uma diferença entre
- o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
 - um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
 - o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
 - a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).

Estão corretas apenas:

- I, II e III.
- I, II e IV.
- II e III.
- II, III e IV.
- III e IV.



3. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfolia.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

4. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Alice Ruiz, faz parte do livro *Jardim de Haijin*.

passeio no Ibirapuera
uma cerejeira florida
interrompe a conversa

No texto, NÃO há

- a) sentimento de amor pela natureza, exacerbado e de raiz romântica.
- b) emoção estética despertada pela vegetação naquele que passeia.
- c) descrição de parte da flora que integra o parque do Ibirapuera.
- d) surpresa, durante o passeio pelo parque, causada por uma beleza inesperada.
- e) referência a um local específico, o parque situado na cidade de São Paulo.

5. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, “A cantiga”, de Adélia Prado:

“Ai cigana ciganinha,
ciganinha, meu amor”.
Quando escutei essa cantiga
era hora do almoço, há muitos anos.
A voz da mulher cantando vinha de uma cozinha,



ai ciganinha, a voz de bambu rachado
continua tinindo, esganiçada, linda,
viaja pra dentro de mim, o meu ouvido cada vez melhor.
Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,
canta mais, canta que eu acho minha mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando boia da panela,
canta que eu acho minha vida.

(Em: *Bagagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.*)

Acerca desse poema, é INCORRETO afirmar que

- a) a poeta tem consciência de que seu passado é irremediavelmente perdido.
- b) existe um tom nostálgico, e um saudosismo de raiz romântica.
- c) a cantiga faz com que a poeta reviva uma série de lembranças afetivas.
- d) predomina o tom confessional e o caráter autobiográfico.
- e) valoriza os elementos da cultura popular, também uma herança romântica.

6. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, de Ronaldo Azeredo:



Esse texto

- I. explora a organização visual das palavras sobre a página.
- II. põe ênfase apenas na forma e não no conteúdo da mensagem.
- III. pode ser lido não apenas na sequência horizontal das linhas.
- IV. não apresenta preocupação social.

Estão corretas

- a) I e II.
- b) I, II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.
- e) todas.

7. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:



Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

8. (ITA - 2010)

O poema abaixo faz parte da obra Livro sobre nada (1996), de Manoel de Barros:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.



É certo dizer que estamos diante de um poema

- que mostra que o estudo dos sabiás tem mais a ver com adivinhação do que com informação.
- no qual o autor mostra que a ciência é muito limitada para entender a anatomia do sabiá.
- segundo o qual a ciência consegue entender a anatomia do sabiá, mas não explicar por que ele nos encanta.
- que mostra que há mistérios na natureza que a ciência tenta desvendar, como o encanto de um sabiá.
- que afirma ser impossível um saber acerca do sabiá.

9. (ITA - 2010)

No último livro que publicou em vida, Teia (1996), a escritora Orides Fontela escreveu o poema abaixo.

João

I	
De barro o operário e a casa	O pássaro faz o seu trabalho e o trabalho faz o pássaro.
(de barro o nome e a obra).	IV
II	O duro impuro labor: construir-se.
O pássaro-operário madruga:	V
construir a casa construir o canto	O canto é anterior ao pássaro
ganhar – construir – o dia.	a casa é anterior ao barro
III	O nome é anterior à vida.

- nem a parte I nem a II indicam que o pássaro “joão-de-barro” pode ser visto como metáfora de um determinado tipo social.
- apenas a parte III sugere que o trabalho feito pelo joão-de-barro aproxima-se daquele feito por um operário.
- o poema, em seu todo, aproxima metaforicamente o “joão-de-barro” de um trabalhador brasileiro (um “João”, como o título indica).
- como no caso do pássaro, também para o operário vale a ideia de que o homem faz o trabalho e o trabalho faz o homem.



Estão corretas apenas as afirmações:

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

10. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

ela ali tão sem
eu aqui sem chão
nós assim ninguém
cada um na mão

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.
- IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I, II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

11. (IME - 2016)

SOLUÇÃO

João Paiva

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ouse resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho



ter o mundo nesta mão.
Procuro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. *Quase poesia, quase química*. Disponível em: <<http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf>> Acesso em: 22/04/2015

Sobre o texto podemos inferir que

- I. o autor do texto nos traz uma mensagem altamente negativa e pessimista do fazer científico.
- II. o vocábulo que confere título ao texto pode ter o mesmo valor semântico no primeiro e quinto versos, o que confirma a intenção do cientista em “para ter tudo na mão” (verso 4).
- III. o cientista falha quando não encontra meios em seu trabalho cotidiano para solucionar, com extrema precisão, tudo o que lhe vier às mãos para fazer.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) III apenas.
- e) nenhuma das alternativas.

Texto para as questões 12 e 13

Poesia Matemática
Millôr Fernandes

1 Às folhas tantas
2 do livro matemático
3 um Quociente apaixonou-se
4 um dia
5 doidamente
6 por uma Incógnita.
7 Olhou-a com seu olhar inumerável
8 e viu-a do ápice __ base
9 uma figura ímpar;
10 olhos romboides, boca trapezoide,
11 corpo retangular, seios esferoides.
12 Fez de sua uma vida
13 paralela à dela
14 até que se encontraram
15 no infinito.
16 "Quem és tu?", indagou ele
17 em ânsia radical.

18 "Sou a soma do quadrado dos
catetos.
19 Mas pode me chamar de
Hipotenusa."
20 E de falarem descobriram que eram
21 (o que em aritmética corresponde
22 a almas irmãs)
23 primos entre si.
24 E assim se amaram
25 ao quadrado da velocidade da luz
26 numa sexta potenciação
27 traçando
28 ao sabor do momento
29 e da paixão
30 retas, curvas, círculos e linhas
senoidais
31 nos jardins da quarta dimensão.
32 Escandalizaram os ortodoxos das
fórmulas euclidiana
33 e os exegetas do Universo Finito.



34 Romperam convenções newtonianas
e pitagóricas.
35 E enfim resolveram se casar
36 constituir um lar,
37 mais que um lar,
38 um perpendicular.
39 Convidaram para padrinhos
40 o Poliedro e a Bissetriz.
41 E fizeram planos, equações e
diagramas para o futuro
42 sonhando com uma felicidade
43 integral e diferencial.
44 E se casaram e tiveram uma secante
e três cones
45 muito engraçadinhos.
46 E foram felizes
47 até aquele dia
48 em que tudo vira afinal
49 monotonia.
50 Foi então que surgiu
51 O Máximo Divisor Comum
52 frequentador de círculos
concêntricos,
53 viciosos.

54 Ofereceu-lhe, a ela,
55 uma grandeza absoluta
56 e reduziu-a a um denominador
comum.
57 Ele, Quociente, percebeu
58 que com ela não formava mais um
todo,
59 uma unidade.
60 Era o triângulo,
61 tanto chamado amoroso.
62 Desse problema ela era uma fração,
63 a mais ordinária.
64 Mas foi então que Einstein descobriu
a Relatividade
65 e tudo que era espúrio passou a ser
66 moralidade
67 como aliás em qualquer
68 sociedade

RELEITURAS. Poesia matemática.
Disponível em: <
http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

12. (IME - 2014)

A repetição da conjunção “e” nos versos 41, 44 e 46 do texto revela um traço estilístico que

- dá uma ideia de ênfase à sequência de ações do casal.
- dá uma ideia de monotonia aos acontecimentos.
- dá uma ideia de confusão à sequência de ações do casal.
- ajuda a prever o desfecho da separação anunciada ao final.
- deixa perceber a que movimento literário se filia o autor do texto.

13. (IME - 2014)

Leia atentamente as assertivas a seguir, todas referentes ao texto

- A partir de conceitos matemáticos construiu-se uma narrativa poética em terceira pessoa cujo tema é a traição numa relação amorosa.
- O adjetivo **ordinária** (V. 63) está carregado de um tom moralizante e deixa entrever um juízo de valor relativo ao comportamento feminino no relacionamento entre a Hipotenusa e o Quociente.
- É coerente com o tom moralizante da Poesia Matemática associar o nome dado ao elemento masculino da relação amorosa narrada, Quociente, ao adjetivo consciente, isto é, aquele que faz uso da razão.
- A quebra de paradigmas científicos requerida pela Teoria da Relatividade einsteiniana é associada, à quebra de paradigmas morais nas sociedades modernas.



Dentre as afirmativas acima

- a) apenas a I e a II estão corretas.
- b) apenas a II e a III estão corretas.
- c) apenas a III está correta.
- d) apenas a III e a IV estão corretas.
- e) todas estão corretas.

14. (UNICAMP - 2019)

Para driblar a censura imposta pela ditadura militar, compositores de música popular brasileira (MPB) valiam-se do que Gilberto Vasconcelos chamou de “linguagem da fresta”, expressão inspirada na canção “Festa imodesta”, de Caetano Veloso.

(...)

Numa festa imodesta como esta
Vamos homenagear
Todo aquele que nos empresta sua testa
Construindo coisas pra se cantar
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
E que o otário silencia
Toda festa que se dá ou não se dá
Passa pela fresta da cesta e resta a vida.

Acima do coração que sofre com razão
A razão que volta do coração
E acima da razão a rima
E acima da rima a nota da canção
Bemol natural sustentada no ar
Viva aquele que se presta a esta ocupação
Salve o compositor popular

(Gilberto de Vasconcelos, Música popular: de olho na fresta. Rio de Janeiro: Graal, 1977.)

É correto afirmar que, na canção, essa “linguagem da fresta” transparece

- a) na contradição entre “festa” e “fresta”, que funciona como crítica ao malandro.
- b) na repetição de palavras com pronúncia semelhante para louvar a MPB.
- c) na referência à “fresta” como forma de o compositor se pronunciar.
- d) na incoerência da rima entre “festa” e “imodesta” para prestigiar o compositor.

15. (UERJ - 2019)

Tempo Rei

Não me iludo

Tudo permanecerá do jeito

Que tem sido

Transcorrendo, transformando

Tempo e espaço navegando todos os sentidos

(...)



Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento, mesmo fundamento
singular
Do ser humano, de um momento para o
outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem
baianos

Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam
sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um
segundo

Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei

(...)

GILBERTO GIL, letras.com.br

O tempo, além de relacionado aos fenômenos naturais, é também condicionador das vidas humanas.

Na letra da canção de Gilberto Gil, a dimensão do tempo histórico destacada é denominada:

- a) evolução
- b) aceleração
- c) linearidade
- d) descontinuidade

16. (FGV - 2018)

O século 20, com suas guerras mundiais e os conflitos que semearam, deixou muitas cicatrizes sobre a face da Terra. Entre elas, o famigerado Muro de Berlim, cuja demolição marcou o fim da Guerra Fria e o suposto final da história.

A história não termina, contudo. Novos e gigantescos muros continuam a ser erguidos, com alturas e extensões suficientes para deixar na sombra a barreira à liberdade erguida na capital alemã, que existiu por 28 anos.

A proliferação desses obstáculos a apartar pessoas e comunidades motivou a série de reportagens da Folha “Um Mundo de Muros”.

O Brasil tem os seus, desde sempre para manter a distância entre ricos e pobres – como o que impede a visão da miséria e do esgoto a céu aberto da Vila Esperança, em Cubatão/SP, a quem trafega pela via Imigrantes.

Nada diverso dos 10 km do Muro da Vergonha que apartam, na capital peruana, a esquelada comunidade de Pamplona Alta do afluyente bairro Casuarinas, outro retrato desolador.

São situações, problemas e conflitos muito díspares, contra os quais se erguem barreiras que evocam o pior do século passado.

(Folha de S.Paulo, 10.09.2017. Adaptado)

O texto mostra que

- a) a superação das diferenças, que semearam conflitos pelo mundo, faz com que as sociedades de hoje se protejam delas.
- b) a segregação, que deixou muitas marcas no planeta, ainda tem presença expressiva em várias sociedades nos dias de hoje.



- c) a sociedade contemporânea vive diuturnamente a combater as formas de segregação, na esperança de um mundo mais justo.
- d) a existência dos conflitos ainda perturba a sociedade, mas hoje eles estão praticamente superados na maior parte do planeta.
- e) a permanência de problemas e conflitos tão antigos mostra a falta de interesse das pessoas pela busca de um mundo melhor.

Textos para as questões 17 e 18:

Muribeca

Lixo? Lixo serve pra tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar, sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão. Até televisão. É a vida da gente o lixão. E por que é que agora querem tirar ele da gente? O que é que eu vou dizer pras crianças? Que não tem mais brinquedo? Que acabou o calçado? Que não tem mais história, livro, desenho? E o meu marido, o que vai fazer? Nada? Como ele vai viver sem as garrafas, sem as latas, sem as caixas? Vai perambular pela rua, roubar pra comer? E o que eu vou cozinhar agora? Onde vou procurar tomate, alho, cebola? Com que dinheiro vou fazer sopa, vou fazer caldo, vou inventar farofa? Fale, fale. Explique o que é que a gente vai fazer da vida? O que a gente vai fazer da vida? Não pense que é fácil. Nem remédio pra dor de cabeça eu tenho. Como vou me curar quando me der uma dor no estômago, uma coceira, uma caganeira? Vá, me fale, me diga, me aconselhe. Onde vou encontrar tanto remédio bom? E esparadrapo e band-aid e seringa? O povo do governo devia pensar três vezes antes de fazer isso com chefe de família. Vai ver que eles tão de olho nessa merda aqui. Nesse terreno. Vai ver que eles perderam alguma coisa. É. Se perderam, a gente acha. A gente cata. A gente encontra. Até bilhete de loteria, lembro, teve gente que achou. Vai ver que é isso, coisa da Caixa Econômica. Vai ver que é isso, descobriram que lixo dá lucro, que pode dar sorte, que é luxo, que lixo tem valor. Por exemplo, onde a gente vai morar, é? Onde a gente vai morar? Aqueles barracos, tudo ali em volta do lixão, quem é que vai levantar? Você, o governador? Não. Esse negócio de prometer casa que a gente não pode pagar é balela, é conversa pra boi morto. Eles jogam a gente é num esgoto. Pr'onde vão os coitados desses urubus? A cachorra, o cachorro? Isso tudo aqui é uma festa. Os meninos, as meninas naquele alvoroço, pulando em cima de arroz, feijão. Ajudando a escolher. A gente já conhece o que é bom de longe, só pela cara do caminhão. Tem uns que vêm direto de supermercado, açougue. Que dia na vida a gente vai conseguir carne tão barato? Bisteca, filé, chã-de-dentro - o moço ta servido? A moça? Os motoristas já conhecem a gente. Têm uns que até guardam com eles a melhor parte. É coisa muito boa, desperdiçada. Tanto povo que compra o que não gasta - roupa nova, véu, grinalda. Minha filha já vestiu um vestido de noiva, até a aliança a gente encontrou aqui, num corpo. É. Vem parar muito bicho morto. Muito homem, muito criminoso. A gente já tá acostumado. Até o camburão da polícia deixa seu lixo aqui, depositado. Balas, revólver 38. A gente não tem medo, moço. A gente é só ficar calado. Agora, o que deu na cabeça desse povo? A gente nunca deu trabalho. A gente não quer nada deles que não esteja aqui jogado, rasgado, atirado. A gente não quer outra coisa senão esse lixão pra viver. Esse lixão para morrer, ser enterrado. Pra criar os nossos filhos, ensinar o nosso ofício, dar de comer. Pra continuar na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não faltar brinquedo, comida, trabalho. Não, eles nunca vão tirar a gente deste lixão.



Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Eles dizem que sim, que vão. Mas não acredito. Eles nunca vão conseguir tirar a gente deste paraíso.

FREIRE, Marcelino. Muribeca. In: _____. Angu de sangue. São Paulo: Ateliê, 2000. p. 23-25.

Texto II
Nem luxo, nem lixo

Como vai você?
Assim como eu
Uma pessoa comum
Um filho de Deus
Nessa canoa furada
Remando contra a maré
Não acredito em nada
Até duvido da fé

Não quero luxo, nem lixo
Meu sonho é ser imortal
Meu amor!
Não quero luxo, nem lixo
Quero saúde pra gozar no final

LEE, Rita Lee; CARVALHO, Roberto de. Nem luxo, nem lixo. In: LEE, Rita. Rita Lee. [LP]. Brasil: Som Livre, 1980.

17. (UFJF - 2015)

A ideia central, defendida pelo eu-lírico, na letra da canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho (Texto II) está melhor explicada em:

- a) a liberdade só é possível com fé.
- b) a imortalidade depende do sonho.
- c) os bens materiais se justificam pela imortalidade.
- d) o bem-estar é o principal valor da vida.
- e) as dificuldades devem sempre ser enfrentadas.

18. (UFJF - 2015)

A oposição existente entre os sentidos de “luxo” e “lixo”, presente na canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho (Texto II), é invertida na seguinte ideia, depreendida do conto de Marcelino Freire (Texto I):

- a) o lixo tem valor econômico.
- b) o lixo sem tratamento é vetor de doenças.
- c) na pobreza deve sempre haver alegria.
- d) o luxo não é privilégio dos ricos.
- e) o luxo pode ser um lixo.

19. (Insper - 2015)

Sintaxe à vontade



Sem horas e sem dores,
Respeitável público pagão,
Bem-vindos ao teatro mágico.

A partir de sempre
Toda cura pertence a nós.
Toda resposta e dúvida.
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo
que quiser,
Todo verbo é livre para ser direto ou
indireto.
Nenhum predicado será prejudicado,
Nem tampouco a frase, nem a crase, nem
a vírgula e ponto final!
Afinal, a má gramática da vida nos põe
entre pausas, entre vírgulas,
E estar entre vírgulas pode ser apostrofo,
E eu aposto o oposto: que vou cativar a
todos,
Sendo apenas um sujeito simples.
Um sujeito e sua oração,
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,

Que a regência da paz sirva a todos nós.
Cegos ou não,

Que enxerguemos o fato
De termos acessórios para nossa oração.
Separados ou adjuntos, nominais ou não,
Façamos parte do contexto da crônica
E de todas as capas de edição especial.
Sejamos também o anúncio da
contracapa,
Pois ser a capa e ser contra a capa
É a beleza da contradição.
É negar a si mesmo.
E negar a si mesmo é muitas vezes
Encontrar-se com Deus.
Com o teu Deus.

Sem horas e sem dores,
Que nesse momento que cada um se
encontra aqui e agora,
Um possa se encontrar no outro,
E o outro no um...
Até por que, tem horas que a gente se
pergunta:
Por que é que não se junta
Tudo numa coisa só?

(O Teatro Mágico)

À semelhança dos manifestos literários do início do século XX, que propunham inovações no campo artístico, essa canção defende um determinado posicionamento a respeito da linguagem. Em “*Sintaxe à vontade*”, defende-se que

- o desmazelo à norma culta acarreta frequentes ruídos de comunicação.
- os falantes da língua portuguesa são escravizados pela norma culta.
- a inventividade para criar a própria língua é fruto da liberdade de expressão.
- a obediência à gramática normativa cerceia a criatividade do falante.
- a impossibilidade do domínio da norma culta causa angústia aos falantes.

20. (FGV - 2015)

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada - comilança que deu até samba, "No Pagode do Vavá". Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não o contrário), Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maître à frente. [...]



Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. "Mas nada muito sofisticado."

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico credita sua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

T. Cardoso, Valor, 28/06/2013. Adaptado.

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.

Se a expressão “mania de passado”, usada na letra da canção, for comparada à frase do primeiro texto “é o passado que vive nele, não o contrário”, quanto ao sentido que assumem no contexto, é correto afirmar que a referida expressão

- a) é uma crítica a um comportamento, o qual está sugerido no trecho “não o contrário”.
- b) contradiz o que a frase pretende transmitir a respeito do modo de pensar do compositor.
- c) deve ser entendida de forma positiva assim como o trecho “é o passado que vive nele”.
- d) refere-se a maneiras de pensar coletivas, ao contrário da frase, que considera apenas o aspecto individual.
- e) atribui à palavra “passado” um sentido diverso do que esse termo assume na frase citada.

Texto para as questões 21 e 22

Mau despertar

Saio do sono como

de uma batalha

travada em

lugar algum

Não sei na madrugada

se estou ferido

se o corpo

tenho

riscado



de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva

(Ferreira Gullar. *Muitas vozes*, 2013.)

21. (UNIFESP - 2015)

A leitura do poema permite inferir que

- a) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
- b) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
- c) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.
- d) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
- e) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.

22. (UNIFESP - 2015)

Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma os seguintes sentidos, respectivamente,

- a) a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
- b) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
- c) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.
- d) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
- e) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.

23. (Insper - 2008)

Pela Internet
Gilberto Gil

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em
Taipé

Um barco que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá

Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo
celular



Que lá na praça Onze tem um
vídeopôquer para se jogar

Pode-se afirmar sobre a canção de Gilberto Gil que:

- a) É uma descrição do que pode ser feito hoje com a Banda Larga
- b) Para ele, o compositor do presente só pode criar se tiver acesso às novas ferramentas oferecidas pela Internet
- c) É uma crítica à má utilização por parte da polícia do aparato tecnológico
- d) É uma visão positiva e exaltadora das vantagens do avanço tecnológico
- e) Defende a ideia de que a canção não deve vazar pela Internet antes do lançamento oficial

24. (FUVEST - 2011)

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes, Antologia poética.

Neste poema,

- a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
- b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
- c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
- d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
- e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.



25. (Insper - 2008)

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em
Taipé

Um barco que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo
celular
Que lá na praça Onze tem um
vídeopôquer para se jogar

Pode-se afirmar sobre a canção de Gilberto Gil que:

- É uma descrição do que pode ser feito hoje com a Banda Larga
- Para ele, o compositor do presente só pode criar se tiver acesso às novas ferramentas oferecidas pela Internet
- É uma crítica à má utilização por parte da polícia do aparato tecnológico
- É uma visão positiva e exaltadora das vantagens do avanço tecnológico
- Defende a ideia de que a canção não deve vazar pela Internet antes do lançamento oficial



4.2 - GABARITO

- | | | |
|------|-------|-------|
| 1. D | 10. E | 19. C |
| 2. A | 11. B | 20. A |
| 3. B | 12. A | 21. C |
| 4. A | 13. E | 22. B |
| 5. A | 14. C | 23. D |
| 6. C | 15. D | 24. B |
| 7. B | 16. B | 25. D |
| 8. C | 17. D | |
| 9. E | 18. A | |



4.3 – Exercícios comentados

1. (ITA - 2017)

Sobre o poema de Manuel Bandeira,

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: *Libertinagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.*)

é INCORRETO afirmar que a relação afetiva entre o sujeito lírico e Irene

- a) faz com que a descrição dela seja permeada pela visão carinhosa dele.
- b) torna a linguagem mais coloquial, espelhando a ligação afetuosa dos dois.
- c) é responsável pelo tratamento informal dado a uma entidade religiosa.
- d) é um mero disfarce da desigualdade entre brancos e negros.
- e) é, na visão dele, compartilhada até mesmo por São Pedro.

Comentários: O poema, ainda que faça a referência às etnias (Irene preta e São Pedro branco), não se propõe a discutir criticamente a relação entre negros e brancos. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois o tom carinhoso fica explícito em expressões como “Irene boa” e na coloquialidade do diálogo entre Irene e São Pedro.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois o uso do imperativo “entra”, ao invés de “entre”, como seria correto na norma culta, denota proximidade com a oralidade.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois a personagem Irene se dirige ao santo com intimidade afetuosa, referindo-se a ele como “meu branco”.

A alternativa E não apresenta incorreção, pois São Pedro afirma que Irene pode entrar sem pedir licença, o que denota intimidade e afetuosidade entre os dois.

Gabarito: D

2. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro *Lira dos cinqüentanos*.

Velha chácara

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouçõ uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!



(Foram mais de cinquenta anos.)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

– Mas o menino ainda existe.

O poema apresenta uma diferença entre

- I. o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
- II. um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
- III. o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
- IV. a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).

Estão corretas apenas:

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I está correto, pois há uma oposição clara entre passado e presente. Isso fica claro em expressões como “A casa era por aqui” e “Ah quanto tempo passou”.

O item II está correto, pois o “riacho”, elemento natural, ainda é o mesmo, enquanto a “casa”, elemento sociofamiliar, já não existe mais.

O item III está correto, pois há oposição entre aquilo que era material, como a casa, e se acabou, e o que é abstrato, como a memória, e permanece, driblando a ação do tempo.

O item IV está incorreto, pois não há no poema nenhuma referência ao espaço urbano, tornando essa oposição impossível.

Gabarito: A

3. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.



A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfolia.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

Comentários: Não há referências no poema a uma rusticidade do canavial, mas sim aos sons que partem dele. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa B.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois se lermos o poema de modo linear, já que ele é constituído por apenas um período, teremos “Voz sem saliva da cigarra, do papel seco que se amassa, de quando se dobra o jornal: assim canta o canavial”. Assim, fica fácil perceber que o poeta trata a voz da cigarra como o canto do canavial.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois as últimas duas estrofes do poema citam o contato do vento com o canavial, destacando o som que ele produz.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois no segundo verso aparece essa associação em: “do papel seco que se amassa”, seguida de “assim canta o canavial”.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois na última estrofe fica explícita a relação metafórica de que o vento é a navalha que corta o canavial.

Gabarito: B

4. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Alice Ruiz, faz parte do livro Jardim de Haijin.

passeio no Ibirapuera
uma cerejeira florida
interrompe a conversa

No texto, NÃO há

- a) sentimento de amor pela natureza, exacerbado e de raiz romântica.
- b) emoção estética despertada pela vegetação naquele que passeia.
- c) descrição de parte da flora que integra o parque do Ibirapuera.
- d) surpresa, durante o passeio pelo parque, causada por uma beleza inesperada.

e) referência a um local específico, o parque situado na cidade de São Paulo.

Comentários: Pelo que está escrito no texto, não é possível afirmar que a autora tenha um sentimento amoroso em relação à natureza, tampouco que esse sentimento seja de raiz romântica, já que não há idealização da natureza. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o ato de interromper a conversa ao ver a cerejeira indica que a natureza gera uma emoção no eu lírico, que interrompe o passeio para visualizar o que está ocorrendo.

A alternativa C está incorreta, pois é possível saber que há cerejeiras no parque do Ibirapuera, portanto, há descrição de parte da flora do parque.

A alternativa D está incorreta, pois há surpresa no fato da conversa ser interrompida para observar a beleza da natureza.

A alternativa E está incorreta, pois há de fato referência a um local específico, que é o parque do Ibirapuera em São Paulo.

Gabarito: A

5. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, “A cantiga”, de Adélia Prado:

“Ai cigana ciganinha,
ciganinha, meu amor”.
Quando escutei essa cantiga
era hora do almoço, há muitos anos.
A voz da mulher cantando vinha de uma cozinha,
ai ciganinha, a voz de bambu rachado
continua tinindo, esganiçada, linda,
viaja pra dentro de mim, o meu ouvido cada vez melhor.
Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,
canta mais, canta que eu acho minha mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando boia da panela,
canta que eu acho minha vida.

(Em: *Bagagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.*)

Acerca desse poema, é INCORRETO afirmar que

- a) a poeta tem consciência de que seu passado é irremediavelmente perdido.
- b) existe um tom nostálgico, e um saudosismo de raiz romântica.
- c) a cantiga faz com que a poeta reviva uma série de lembranças afetivas.
- d) predomina o tom confessional e o caráter autobiográfico.
- e) valoriza os elementos da cultura popular, também uma herança romântica.

Comentários: No poema, através da canção, a poetisa afirma ser capaz de reencontrar a mãe, o vestido estampado, o pai e “minha vida”. Portanto, seu passado não está irremediavelmente perdido. Ele pode ser retomado a partir do contato com a canção. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa A.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois ao retomar seu passado e a relação que ela tinha com a cantiga e seu cotidiano, imprime-se um tom de nostalgia e saudosismo ao poema.



A alternativa C não apresenta incorreções, pois através da cantiga, a poetisa revive elementos de seu passado, como expresso nos três últimos versos.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois por ser escrito em primeira pessoa e tratar de lembranças do passado, fica claro o tom confessional e o caráter autobiográfico.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois ao dar valor à cantiga, um elemento da cultura popular, valoriza por consequência elementos populares.

Gabarito: A

6. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, de Ronaldo Azeredo:



Esse texto

- I. explora a organização visual das palavras sobre a página.
- II. põe ênfase apenas na forma e não no conteúdo da mensagem.
- III. pode ser lido não apenas na sequência horizontal das linhas.
- IV. não apresenta preocupação social.

Estão corretas

- a) I e II.
- b) I, II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois a palavra “velocidade” vai se materializando aos poucos, como se estivesse entrando na folha. Assim, a organização visual das letras é importante para a compreensão do poema.

O item II. está incorreto, pois a ideia de velocidade tem a ver com os conceitos do futurismo, movimento que inspira a poesia concreta.

LEMBRE-SE: A organização visual chamativa é uma característica da poesia concreta.

O item III. está correto, pois é possível ler o poema na vertical também, de cima para baixo, sem prejuízo de seu significado.

O item IV. está incorreto, pois a denúncia do tema da “velocidade” é comum aos escritores modernistas, que se preocupam com o aceleração da vida no século XX.

Gabarito: C

7. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:

Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

Comentários: Não há no poema referências à ideia de “resignação” ou de “paciência”. Pelo contrário, há uma referência a “a armar-se em couraças, escamas”, ou seja, colocar uma armadura, o que costuma significar embate. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa B.



A alternativa A não apresenta incorreções, pois o poeta de fato apresenta a cabra como um animal forte que “arma-se em couraças” e com quem “outras naturezas aprendem”, pois espelhando-se em seu comportamento, os homens podem aprender.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois no trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” fica claro que o homem aprendeu com a cabra como se comportar diante de certas situações: armando-se.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois no poema, há comparação entre a cabra e o jumento em “Os jumentos são animais / que muito aprenderam da cabra”.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois, assim como na alternativa C, o trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” comprova a relação entre o homem e a cabra.

Gabarito: B

8. (ITA - 2010)

O poema abaixo faz parte da obra *Livro sobre nada* (1996), de Manoel de Barros:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

É certo dizer que estamos diante de um poema

- a) que mostra que o estudo dos sabiás tem mais a ver com adivinhação do que com informação.
- b) no qual o autor mostra que a ciência é muito limitada para entender a anatomia do sabiá.
- c) segundo o qual a ciência consegue entender a anatomia do sabiá, mas não explicar por que ele nos encanta.
- d) que mostra que há mistérios na natureza que a ciência tenta desvendar, como o encanto de um sabiá.
- e) que afirma ser impossível um saber acerca do sabiá.

Comentários: Na primeira estrofe do poema fica explícito que “ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá / mas não pode medir seus encantos”. Portanto, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o poeta afirma que a ciência é capaz de estudar o sabiá em diversos aspectos. O que fica à cargo da emoção é o porquê dele nos encantar.

A alternativa B está incorreta, pois ele afirma no primeiro verso que “ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá”.

A alternativa D está incorreta, pois o poema não afirma que compreender a razão do encanto do sabiá seja uma função da ciência, tampouco sua pretensão.



A alternativa E está incorreta, pois há saberes, os científicos, que é possível nomear. O que não se pode ter é o saber acerca do seu encantamento sobre nós.

Gabarito: C

9. (ITA - 2010)

No último livro que publicou em vida, Teia (1996), a escritora Orides Fontela escreveu o poema abaixo.

João	III
I De barro o operário e a casa	O pássaro faz o seu trabalho e o trabalho faz o pássaro.
(de barro o nome e a obra).	IV
II	O duro impuro labor: construir-se.
O pássaro-operário madruga:	V
construir a casa construir o canto	O canto é anterior ao pássaro
ganhar – construir – o dia.	a casa é anterior ao barro
	O nome é anterior à vida.

Podemos afirmar que:

- I. nem a parte I nem a II indicam que o pássaro “joão-de-barro” pode ser visto como metáfora de um determinado tipo social.
- II. apenas a parte III sugere que o trabalho feito pelo joão-de-barro aproxima-se daquele feito por um operário.
- III. o poema, em seu todo, aproxima metaforicamente o “joão-de-barro” de um trabalhador brasileiro (um “João”, como o título indica).
- IV. como no caso do pássaro, também para o operário vale a ideia de que o homem faz o trabalho e o trabalho faz o homem.

Estão corretas apenas as afirmações:



- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

A afirmação I está incorreta, pois o termo “operário”, presente nas estrofes I e II, pode fazer referência tanto à característica de trabalhador do pássaro quanto ao próprio trabalhador da construção civil.

A afirmação II está incorreta, pois a comparação com o trabalhador braçal permeia todo o poema, não apenas a terceira estrofe.

A afirmação III está correta, pois o poeta soma o nome “João”, muito comum no Brasil, com a condição de trabalhador braçal, operário, outra profissão bastante comum no Brasil.

A afirmação IV está correta, pois a estrofe IV fica evidente que construir a si próprio, representado pela forma reflexiva “construir-se” é associado ao “duro, impuro labor”.

Gabarito: E

10. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

ela ali tão sem
eu aqui sem chão
nós assim ninguém
cada um na mão

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.
- IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I, II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois a brevidade das formas é de fato um traço da poesia contemporânea.

O item II. está correto, pois há traços de linguagem coloquial no poema, como na expressão “na mão”.

O item III. está correto, pois o contemporâneo de fato é um momento de dificuldade na expressão dos sentimentos nas relações interpessoais.



O item IV. está correto, pois o desencontro amoroso nesse poema fica evidente em “ela ali” e “eu aqui”, na oposição dos pronomes demonstrativos.

Gabarito: E

11. (IME RJ/2016)

SOLUÇÃO

João Paiva

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ousou resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procurando mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. Quase poesia, quase química. Disponível em: <<http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf>> Acesso em: 22/04/2015

Sobre o texto podemos inferir que

- I. o autor do texto nos traz uma mensagem altamente negativa e pessimista do fazer científico.
- II. o vocábulo que confere título ao texto pode ter o mesmo valor semântico no primeiro e quinto versos, o que confirma a intenção do cientista em “para ter tudo na mão” (verso 4).
- III. o cientista falha quando não encontra meios em seu trabalho cotidiano para solucionar, com extrema precisão, tudo o que lhe vier às mãos para fazer.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) III apenas.
- e) nenhuma das alternativas.

Comentários:



A afirmação I está incorreta, pois não é possível atribuir juízo de valor ao que o autor disse, já que ele apenas realiza uma descrição do método científico.

A afirmação II está correta, pois “solução”, aqui, não é empregada no sentido da química (composto homogêneo), mas sim como “resolução de problemas”. Portanto, o autor brinca com a polissemia da palavra “solução”, utilizando também termos relacionados à química, para falar sobre a solução de problemas.

A afirmação III está incorreta, pois não se pode dizer que o cientista falha, já que ele afirma que, apesar de não haver “solução”, há um caminho.

Gabarito: B

Texto para as questões 7 e 8

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

1 Às folhas tantas
2 do livro matemático
3 um Quociente apaixonou-se
4 um dia
5 doidamente
6 por uma Incógnita.
7 Olhou-a com seu olhar inumerável
8 e viu-a do ápice __ base
9 uma figura ímpar;
10 olhos romboides, boca trapezoide,
11 corpo retangular, seios esferoides.
12 Fez de sua uma vida
13 paralela à dela
14 até que se encontraram
15 no infinito.
16 "Quem és tu?", indagou ele
17 em ânsia radical.
18 "Sou a soma do quadrado dos
catetos.
19 Mas pode me chamar de
Hipotenusa."
20 E de falarem descobriram que eram
21 (o que em aritmética corresponde
22 a almas irmãs)
23 primos entre si.
24 E assim se amaram
25 ao quadrado da velocidade da luz
26 numa sexta potenciação
27 traçando
28 ao sabor do momento
29 e da paixão

30 retas, curvas, círculos e linhas
senoidais
31 nos jardins da quarta dimensão.
32 Escandalizaram os ortodoxos das
fórmulas euclidiana
33 e os exegetas do Universo Finito.
34 Romperam convenções newtonianas
e pitagóricas.
35 E enfim resolveram se casar
36 constituir um lar,
37 mais que um lar,
38 um perpendicular.
39 Convidaram para padrinhos
40 o Poliedro e a Bissetriz.
41 E fizeram planos, equações e
diagramas para o futuro
42 sonhando com uma felicidade
43 integral e diferencial.
44 E se casaram e tiveram uma secante
e três cones
45 muito engraçadinhos.
46 E foram felizes
47 até aquele dia
48 em que tudo vira afinal
49 monotonia.
50 Foi então que surgiu
51 O Máximo Divisor Comum
52 frequentador de círculos
concêntricos,
53 viciosos.
54 Ofereceu-lhe, a ela,
55 uma grandeza absoluta



56 e reduziu-a a um denominador comum.
57 Ele, Quociente, percebeu
58 que com ela não formava mais um todo,
59 uma unidade.
60 Era o triângulo,
61 tanto chamado amoroso.
62 Desse problema ela era uma fração,
63 a mais ordinária.

64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
65 e tudo que era espúrio passou a ser
66 moralidade
67 como aliás em qualquer
68 sociedade

*RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em: <
http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>.
Acesso em 09/05/2013.*

12. (IME - 2014)

A repetição da conjunção “e” nos versos 41, 44 e 46 do texto revela um traço estilístico que

- a) dá uma ideia de ênfase à sequência de ações do casal.
- b) dá uma ideia de monotonia aos acontecimentos.
- c) dá uma ideia de confusão à sequência de ações do casal.
- d) ajuda a prever o desfecho da separação anunciada ao final.
- e) deixa perceber a que movimento literário se filia o autor do texto.

Comentários: A repetição do conectivo “e” é comumente empregada para passar a ideia de sucessão de fatos, progressão temporal. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há, nesse momento, a noção de monotonia. O casal ainda está no início da relação, fazendo seus planos.

A alternativa C está incorreta, pois as ações estão bastante ordenadas nesse trecho, inclusive em ordem cronológica.

A alternativa D está incorreta, pois o indicativo de que as coisas vão acabar mal está no uso do conectivo “até” em “até aquele dia / em que tudo vira afinal / monotonia”, não na sucessão dos “e”.

A alternativa E está incorreta, pois essa é uma figura de linguagem que pode ser utilizada em diversos momentos, por diversos movimentos. Não se refere a uma época específica.

Gabarito: A

13. (IME - 2014)

Leia atentamente as assertivas a seguir, todas referentes ao texto desta prova

- I. A partir de conceitos matemáticos construiu-se uma narrativa poética em terceira pessoa cujo tema é a traição numa relação amorosa.
- II. O adjetivo **ordinária** (V. 63) está carregado de um tom moralizante e deixa entrever um juízo de valor relativo ao comportamento feminino no relacionamento entre a Hipotenusa e o Quociente.
- III. É coerente com o tom moralizante da Poesia Matemática associar o nome dado ao elemento masculino da relação amorosa narrada, Quociente, ao adjetivo consciente, isto é, aquele que faz uso da razão.
- IV. A quebra de paradigmas científicos requerida pela Teoria da Relatividade einsteiniana é associada, à quebra de paradigmas morais nas sociedades modernas.

Dentre as afirmativas acima



- a) apenas a I e a II estão corretas.
- b) apenas a II e a III estão corretas.
- c) apenas a III está correta.
- d) apenas a III e a IV estão corretas.
- e) todas estão corretas.

Comentários:

A afirmação I. está correta, pois essa é de fato a descrição do texto, o que pode-se comprovar pela observação de trechos do poema:

Conceitos matemáticos: “quociente”, “incógnita”, “ímpar”, “paralela”, “infinito” etc.

Narrativa em 3ª pessoa: "Quem és tu?", indagou ele / em ânsia radical.

Traição numa relação amorosa: “Ele, Quociente, percebeu / que com ela não formava mais um todo, / uma unidade. / Era o triângulo, / tanto chamado amoroso.”

A afirmação II. está correta, pois há uma brincadeira com a polissemia de “ordinária”: como fração ordinária (aquela em que o numerador da fração é um número inteiro) e pessoa ordinária (pessoa de comportamento reprovável moralmente).

A afirmação III. está correta, pois o poeta brinca com o som de “quociente” e “consciente”. Então o “quociente” é aquele que detém a razão, a consciência.

A afirmação IV. está correta, pois o poeta faz uso do conceito comum de “relatividade”, em que “tudo é relativo”. Assim, aquilo que era um conceito moral sólido, já não é mais, pois agora tudo é relativo.

Gabarito: E

14. (UNICAMP - 2019)

Para driblar a censura imposta pela ditadura militar, compositores de música popular brasileira (MPB) valiam-se do que Gilberto Vasconcelos chamou de “linguagem da fresta”, expressão inspirada na canção “Festa imodesta”, de Caetano Veloso.

(...)

Numa festa imodesta como esta
Vamos homenagear
Todo aquele que nos empresta sua testa
Construindo coisas pra se cantar
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
E que o otário silencia
Toda festa que se dá ou não se dá
Passa pela fresta da cesta e resta a vida.

Acima do coração que sofre com razão
A razão que volta do coração
E acima da razão a rima
E acima da rima a nota da canção
Bemol natural sustentada no ar
Viva aquele que se presta a esta ocupação
Salve o compositor popular



- É correto afirmar que, na canção, essa “linguagem da fresta” transparece
- na contradição entre “festa” e “fresta”, que funciona como crítica ao malandro.
 - na repetição de palavras com pronúncia semelhante para louvar a MPB.
 - na referência à “fresta” como forma de o compositor se pronunciar.
 - na incoerência da rima entre “festa” e “imodesta” para prestigiar o compositor.

Comentários: Num momento de censura, é preciso encontrar modos cifrados, menos óbvios para se expressar. A “fresta”, aqui, equivale a “brecha”, ou seja, pequeno espaço encontrado pra se pronunciar. Isso fica claro no poema nos versos “Toda festa que se dá ou não se dá / Passa pela fresta da cesta”. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há contradição expressa entre “festa e “fresta”. O que ocorre é uma brincadeira linguística com palavras de sons parecidos, mas com significados diferentes.

A alternativa B está incorreta, pois o objetivo da música não tem o objetivo de louvar a MPB, mas sim falar sobre a posição do cantor popular.

A alternativa D está incorreta, pois não há incoerência na rima apresentada, já que são sons semelhantes ao leitor.

Gabarito: C

15. (UERJ - 2019)

Tempo Rei

Não me iludo	Do ser humano, de um momento para o outro
Tudo permanecerá do jeito	Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Que tem sido	Mães zelosas, pais corujas
Transcorrendo, transformando	Vejam como as águas de repente ficam sujas
Tempo e espaço navegando todos os sentidos	Não se iludam, não me iludo
(...)	Tudo agora mesmo pode estar por um segundo
Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei	Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei
Transformai as velhas formas do viver	(...)
Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei	GILBERTO GIL, letras.com.br
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei	
Pensamento, mesmo fundamento singular	

O tempo, além de relacionado aos fenômenos naturais, é também condicionador das vidas humanas.

Na letra da canção de Gilberto Gil, a dimensão do tempo histórico destacada é denominada:

- evolução
- aceleração
- linearidade



d) descontinuidade

Comentários: A passagem do tempo, para a música, causa transformações na vida humana. A principal questão levantada é a descontinuidade, pois como diz o verso “Vejam como as águas de repente ficam sujas”, aquilo que uma hora se mostrava de um jeito, logo pode se modificar. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não aparece a noção de evolução, ou seja, de mudança gradual e permanente, vista popularmente como uma mudança de um estado para outro melhor, no poema.

A alternativa B está incorreta, pois a noção de mudança que o tempo promove não está necessariamente ligada à rapidez. Algumas coisas, segundo o poema, vão se “transformando”, o que indica uma ação que transcorre em determinado tempo.

A alternativa C está incorreta, pois o tempo não obedece a uma ordem linear, podendo ocorrer fatos inesperados que modifiquem a direção que se seguia até então.

Gabarito: D

16. (FGV - 2018)

O século 20, com suas guerras mundiais e os conflitos que semearam, deixou muitas cicatrizes sobre a face da Terra. Entre elas, o famigerado Muro de Berlim, cuja demolição marcou o fim da Guerra Fria e o suposto final da história.

A história não termina, contudo. Novos e gigantescos muros continuam a ser erguidos, com alturas e extensões suficientes para deixar na sombra a barreira à liberdade erguida na capital alemã, que existiu por 28 anos.

A proliferação desses obstáculos a apartar pessoas e comunidades motivou a série de reportagens da Folha “Um Mundo de Muros”.

O Brasil tem os seus, desde sempre para manter a distância entre ricos e pobres – como o que impede a visão da miséria e do esgoto a céu aberto da Vila Esperança, em Cubatão/SP, a quem trafega pela via Imigrantes.

Nada diverso dos 10 km do Muro da Vergonha que apartam, na capital peruana, a esquelada comunidade de Pamplona Alta do afluyente bairro Casuarinas, outro retrato desolador.

São situações, problemas e conflitos muito díspares, contra os quais se erguem barreiras que evocam o pior do século passado.

(Folha de S.Paulo, 10.09.2017. Adaptado)

O texto mostra que

- a) a superação das diferenças, que semearam conflitos pelo mundo, faz com que as sociedades de hoje se protejam delas.
- b) a segregação, que deixou muitas marcas no planeta, ainda tem presença expressiva em várias sociedades nos dias de hoje.
- c) a sociedade contemporânea vive diuturnamente a combater as formas de segregação, na esperança de um mundo mais justo.
- d) a existência dos conflitos ainda perturba a sociedade, mas hoje eles estão praticamente superados na maior parte do planeta.
- e) a permanência de problemas e conflitos tão antigos mostra a falta de interesse das pessoas pela busca de um mundo melhor.



Comentários: O fato de que ainda se constroem muros nas cidades, alguns referidos no texto como “Muro da vergonha”, por exemplo, é uma prova que a segregação ainda tem presença expressiva nas sociedades, que não conseguiram ainda superar suas diferenças ou pré-julgamentos. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a existência de muros como os descritos no texto até hoje indica que as diferenças não foram superadas, tampouco a segregação.

A alternativa C está incorreta, pois não há no texto indicativos que a sociedade esteja trabalhando em prol da diminuição da segregação.

A alternativa D está incorreta, pois o texto afirma que o mundo ainda é um lugar repleto de conflitos, tanto que anda há muitos muros espalhados.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não fala sobre a existência ou não da vontade em mitigar os conflitos, apenas expõe que eles ainda existem na sociedade.

Gabarito: B

Textos para as questões 17 e 18:

Muribeca

Lixo? Lixo serve pra tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar, sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão. Até televisão. É a vida da gente o lixão. E por que é que agora querem tirar ele da gente? O que é que eu vou dizer pras crianças? Que não tem mais brinquedo? Que acabou o calçado? Que não tem mais história, livro, desenho? E o meu marido, o que vai fazer? Nada? Como ele vai viver sem as garrafas, sem as latas, sem as caixas? Vai perambular pela rua, roubar pra comer? E o que eu vou cozinhar agora? Onde vou procurar tomate, alho, cebola? Com que dinheiro vou fazer sopa, vou fazer caldo, vou inventar farofa? Fale, fale. Explique o que é que a gente vai fazer da vida? O que a gente vai fazer da vida? Não pense que é fácil. Nem remédio pra dor de cabeça eu tenho. Como vou me curar quando me der uma dor no estômago, uma coceira, uma caganeira? Vá, me fale, me diga, me aconselhe. Onde vou encontrar tanto remédio bom? E esparadrapo e band-aid e seringa? O povo do governo devia pensar três vezes antes de fazer isso com chefe de família. Vai ver que eles tão de olho nessa merda aqui. Nesse terreno. Vai ver que eles perderam alguma coisa. É. Se perderam, a gente acha. A gente cata. A gente encontra. Até bilhete de loteria, lembro, teve gente que achou. Vai ver que é isso, coisa da Caixa Econômica. Vai ver que é isso, descobriram que lixo dá lucro, que pode dar sorte, que é luxo, que lixo tem valor. Por exemplo, onde a gente vai morar, é? Onde a gente vai morar? Aqueles barracos, tudo ali em volta do lixão, quem é que vai levantar? Você, o governador? Não. Esse negócio de prometer casa que a gente não pode pagar é balela, é conversa pra boi morto. Eles jogam a gente é num esgoto. Pr'onde vão os coitados desses urubus? A cachorra, o cachorro? Isso tudo aqui é uma festa. Os meninos, as meninas naquele alvoroço, pulando em cima de arroz, feijão. Ajudando a escolher. A gente já conhece o que é bom de longe, só pela cara do caminhão. Tem uns que vêm direto de supermercado, açougue. Que dia na vida a gente vai conseguir carne tão barato? Bisteca, filé, chã-de-dentro - o moço ta servido? A moça? Os motoristas já conhecem a gente. Têm uns que até guardam com eles a melhor parte. É coisa muito boa, desperdiçada. Tanto povo que compra o que não gasta - roupa nova, véu, grinalda. Minha filha já vestiu um vestido de noiva, até a aliança a gente encontrou aqui, num corpo. É. Vem parar muito bicho morto. Muito homem, muito criminoso. A gente já tá acostumado. Até o camburão



da polícia deixa seu lixo aqui, depositado. Balas, revólver 38. A gente não tem medo, moço. A gente é só ficar calado. Agora, o que deu na cabeça desse povo? A gente nunca deu trabalho. A gente não quer nada deles que não esteja aqui jogado, rasgado, atirado. A gente não quer outra coisa senão esse lixão pra viver. Esse lixão para morrer, ser enterrado. Pra criar os nossos filhos, ensinar o nosso ofício, dar de comer. Pra continuar na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não faltar brinquedo, comida, trabalho. Não, eles nunca vão tirar a gente deste lixão. Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Eles dizem que sim, que vão. Mas não acredito. Eles nunca vão conseguir tirar a gente deste paraíso.

FREIRE, Marcelino. *Muribeca*. In: _____. *Angu de sangue*. São Paulo: Ateliê, 2000. p. 23-25.

Texto II Nem luxo, nem lixo

Como vai você?

Assim como eu

Uma pessoa comum

Um filho de Deus

Nessa canoa furada

Remando contra a maré

Não acredito em nada

Até duvido da fé

Não quero luxo, nem lixo

Meu sonho é ser imortal

Meu amor!

Não quero luxo, nem lixo

Quero saúde pra gozar no final

LEE, Rita Lee; CARVALHO, Roberto de. *Nem luxo, nem lixo*. In: LEE, Rita. *Rita Lee*. [LP]. Brasil: Som Livre, 1980.

17. (UFJF - 2015)

A ideia central, defendida pelo eu-lírico, na letra da canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho (Texto II) está melhor explicada em:

- a) a liberdade só é possível com fé.
- b) a imortalidade depende do sonho.
- c) os bens materiais se justificam pela imortalidade.
- d) o bem-estar é o principal valor da vida.
- e) as dificuldades devem sempre ser enfrentadas.

Comentários: A letra da canção afirma que “não quero luxo, nem lixo / quero saúde pra gozar no final”, ou seja, mais importante que todas as outras coisas é o bem-estar, a saúde. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência na letra da canção que associe liberdade com fé.

A alternativa B está incorreta, pois ao dizer “meu sonho é ser imortal” o eu lírico apenas expressa um desejo. Não há condicionamento real entre sonhar e ser imortal.



A alternativa C está incorreta, pois o eu lírico afirma que “não quer luxo”, mas sim “saúde”. Não há ligação entre a imortalidade e os bens materiais.

A alternativa E está incorreta, pois a ideia central da letra da canção é a sobrepujança do bem-estar sobre “luxo ou lixo”. A necessidade de lutar contra as adversidades aparece em “Nessa canoa furada / Remando contra a maré”, mas não é o centro do texto.

Gabarito: D

18. (UFJF - 2015)

A oposição existente entre os sentidos de “luxo” e “lixo”, presente na canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho (Texto II), é invertida na seguinte ideia, depreendida do conto de Marcelino Freire (Texto I):

- a) o lixo tem valor econômico.
- b) o lixo sem tratamento é vetor de doenças.
- c) na pobreza deve sempre haver alegria.
- d) o luxo não é privilégio dos ricos.
- e) o luxo pode ser um lixo.

Comentários: ao opor “luxo” e “lixo”, o eu lírico da canção deixa implícito que são elementos de valor oposto. Enquanto o luxo seria associado ao valor econômico, o lixo seria a ausência de valor. No texto I há a ideia de que o lixo deve ter valor econômico para ser gerado em tamanhas quantidades, o que se comprova no trecho “Vai ver que é isso, descobriram que lixo dá lucro, que pode dar sorte, que é luxo, que lixo tem valor.”. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há na letra da canção de Rita Lee a referência a doenças causadas pelo lixo, portanto, essa ideia não poderia ter sido invertida no conto,

A alternativa C está incorreta, pois os textos não entram no mérito da alegria ou tristeza ligada à condição financeira.

A alternativa D está incorreta, pois a ideia de luxo é popularmente ligada à ideia de riqueza e, portanto, às camadas mais ricas.

A alternativa E está incorreta, pois tal afirmação é proferida ironicamente no texto I, não no texto II. Não há na música essa ideia presente.

Gabarito: A

19. (Insper - 2015)

Sintaxe à vontade

Sem horas e sem dores,
Respeitável público pagão,
Bem-vindos ao teatro mágico.

A partir de sempre
Toda cura pertence a nós.
Toda resposta e dúvida.
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo
que quiser,
Todo verbo é livre para ser direto ou
indireto.
Nenhum predicado será prejudicado,

Nem tampouco a frase, nem a crase, nem
a vírgula e ponto final!
Afinal, a má gramática da vida nos põe
entre pausas, entre vírgulas,
E estar entre vírgulas pode ser apostro,
E eu aposto o oposto: que vou cativar a
todos,
Sendo apenas um sujeito simples.
Um sujeito e sua oração,
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,
Que a regência da paz sirva a todos nós.



Cegos ou não,
Que enxerguemos o fato
De termos acessórios para nossa oração.
Separados ou adjuntos, nominais ou não,
Façamos parte do contexto da crônica
E de todas as capas de edição especial.
Sejamos também o anúncio da
contracapa,
Pois ser a capa e ser contra a capa
É a beleza da contradição.
É negar a si mesmo.
E negar a si mesmo é muitas vezes
Encontrar-se com Deus.

Com o teu Deus.

Sem horas e sem dores,
Que nesse momento que cada um se
encontra aqui e agora,
Um possa se encontrar no outro,
E o outro no um...
Até por que, tem horas que a gente se
pergunta:
Por que é que não se junta
Tudo numa coisa só?

(O Teatro Mágico)

À semelhança dos manifestos literários do início do século XX, que propunham inovações no campo artístico, essa canção defende um determinado posicionamento a respeito da linguagem. Em “Sintaxe à vontade”, defende-se que

- a) o desmazelo à norma culta acarreta frequentes ruídos de comunicação.
- b) os falantes da língua portuguesa são escravizados pela norma culta.
- c) a inventividade para criar a própria língua é fruto da liberdade de expressão.
- d) a obediência à gramática normativa cerceia a criatividade do falante.
- e) a impossibilidade do domínio da norma culta causa angústia aos falantes.

Comentários: A canção defende que se possa ser livre para comunicar-se e criar relações, unindo ainda mais as pessoas. No trecho “Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser, / Todo verbo é livre para ser direto ou indireto” fica claro essa postura, de que as pessoas sejam livres para inventar sua própria forma de falar. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a canção defende que as pessoas possam estabelecer relações baseadas no seu uso da língua, não necessariamente obedecendo à norma culta.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência a um potencial aprisionamento das pessoas pela norma culta.

A alternativa D está incorreta, pois não há referências no texto a cerceamento da liberdade, mas sim à possibilidade de se comunicar como quiser, independente se obedecendo à norma culta ou não.

A alternativa E está incorreta, pois não há passagens em que se denote frustração por não saber a norma culta no texto. O que há é uma defesa que todos possam falar como quiserem.

Gabarito: C

20. (FGV - 2015)

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada - comilança que deu até samba, "No Pagode do Vavá". Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não o contrário), Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maître à frente. [...]



Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. "Mas nada muito sofisticado."

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico credita sua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

T. Cardoso, Valor, 28/06/2013. Adaptado.

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.

Se a expressão “mania de passado”, usada na letra da canção, for comparada à frase do primeiro texto “é o passado que vive nele, não o contrário”, quanto ao sentido que assumem no contexto, é correto afirmar que a referida expressão

- a) é uma crítica a um comportamento, o qual está sugerido no trecho “não o contrário”.
- b) contradiz o que a frase pretende transmitir a respeito do modo de pensar do compositor.
- c) deve ser entendida de forma positiva assim como o trecho “é o passado que vive nele”.
- d) refere-se a maneiras de pensar coletivas, ao contrário da frase, que considera apenas o aspecto individual.
- e) atribui à palavra “passado” um sentido diverso do que esse termo assume na frase citada.

Comentários: A oração “é o passado que vive nele, não o contrário” significa que as referências ao passado estão dentro de Paulinho da Viola. O contrário seria “Paulinho da Viola vive no passado”, o que não é verdade. A expressão “mania de passado” denota um comportamento negativo, um hábito de ficar sempre pensando no passado. O comportamento que “mania de passado” critica é justamente a ideia de que se viva no passado, elemento representado pela oração “não o contrário”. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o fato de Paulinho da Viola não viver no passado corrobora sua crítica à “mania de passado”.

A alternativa C está incorreta, pois “mania de passado” possui conotação negativa: é alguém que não consegue se desprender do passado.

A alternativa D está incorreta, pois o comportamento de viver no passado não precisa caracterizar necessariamente apenas um comportamento individual, mas também de um grupo.



A alternativa E está incorreta, pois a palavra “passado” possui a mesma conotação (momento temporal anterior ao presente) em ambas as referências.

Gabarito: A

Texto para as questões 21 e 22

Mau despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum

Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva

(Ferreira Gullar. *Muitas vozes*, 2013.)

21. (UNIFESP - 2015)

A leitura do poema permite inferir que

- a) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
- b) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
- c) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.
- d) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
- e) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.

Comentários: Palavras como “batalha” e “hematomas”, somadas ao despertar difícil descrito pelo eu lírico, denotam que ele teve uma noite de sono conturbado. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não se pode afirmar, pelo que está escrito no poema, que o despertar apague más lembranças da madrugada. Só o que está dito é que ao lavar o rosto, o eu lírico se livra dos restos de treva dos olhos.

A alternativa B está incorreta, pois ainda que haja a menção de muitos elementos físicos no poema, fica claro que também há o aspecto psicológico envolvido, como, por exemplo, o fato de acordar sem saber bem qual a “batalha travada” na noite anterior.

A alternativa D está incorreta, pois o poema apenas descreve o acordar do eu lírico, sem indicar se a noite que passou o ajudou ou não em alguma medida.

A alternativa E está incorreta, pois o mau despertar não acentua as feridas e dores. Elas são causadas pela má noite de sono.



Gabarito: C

22. (UNIFESP - 2015)

Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma os seguintes sentidos, respectivamente,

- a) a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
- b) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
- c) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.
- d) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
- e) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.

Comentários: A melhor descrição do conteúdo de cada uma das estrofes é:

1ª estrofe: o acordar do eu lírico. Ele percebe o estado em que despertou.

2ª estrofe: eu lírico levanta hipóteses do que teria ocorrido com ele durante o sono para que ele acordasse naquele estado.

3ª estrofe: na tentativa de melhorar seu estado, o eu lírico se levanta e lava o rosto.

Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não se pode dizer que a primeira estrofe seja uma lembrança do sono, já que o eu lírico afirma que não sabe quais batalhas travou.

A alternativa C está incorreta, pois não há na terceira estrofe a certeza de que o dia será ruim, apenas uma tentativa de se recompor para enfrentar o dia.

A alternativa D está incorreta, pois não se apresenta na primeira estrofe nenhuma causa para o que teria causado a má noite de sono, mas sim o início do despertar do eu lírico.

A alternativa E está incorreta, pois não há na segunda estrofe a possibilidade de enfrentar o mau sono, mas sim um levantamento de hipóteses do que teria causado um despertar tão difícil e uma noite de sono tão mal dormida.

Gabarito: B

23. (Insper - 2014) adaptada

Canção do exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;



Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes, Antologia poética.

Neste poema,

- a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
- b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
- c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
- d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
- e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

Comentários: A rosa é uma das flores mais populares que existem. Ganhar rosas é comumente associado a bons momentos ou a situações boas. Ao atribuir características como “radioativa” e “com cirrose” à rosa, o poeta inverte o modo como ela é comumente vista, ligando-a à destruição. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o autor não investe na objetividade. A linguagem é poética e subjetiva, ainda que tratando de um tema histórico.

A alternativa C está incorreta, pois há preocupação na escolha de palavras e na métrica do poema. Repare que os versos todos contêm cinco sílabas poéticas.

A alternativa D está incorreta, pois o paralelismo é um recurso que cria frases semelhantes, criando padrão equivalente. Isso ocorre no início do poema, mas isso não significa que seja um recurso das canções. Esse poema não foi escrito para ser musicado. Ele foi transformado em canção apenas 30 anos depois de sua escrita.

A alternativa E está incorreta, pois o predomínio é das metáforas, principalmente descrevendo a “rosa”.

Gabarito: B



25. (Insper - 2008)

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site

Fazer minha home-page

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada

Um barco que veleje

Que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve um oriki do meu velho orixá

Ao porto de um disquete de um micro em

Taipé

Um barco que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve meu e-mail até Calcutá

Depois de um hot-link

Num site de Helsinque

Para abastecer

Eu quero entrar na rede

Promover um debate

Juntar via Internet

Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar

O chefe da Macmilícia de Milão

Um hacker mafioso acaba de soltar

Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar

Os lares do Nepal, os bares do Gabão

Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar

Pode-se afirmar sobre a canção de Gilberto Gil que:

- a) É uma descrição do que pode ser feito hoje com a Banda Larga
- b) Para ele, o compositor do presente só pode criar se tiver acesso às novas ferramentas oferecidas pela Internet
- c) É uma crítica à má utilização por parte da polícia do aparato tecnológico
- d) É uma visão positiva e exaltadora das vantagens do avanço tecnológico
- e) Defende a ideia de que a canção não deve vazar pela Internet antes do lançamento oficial

Comentários: Ao longo do texto, o autor aponta vantagens do avanço tecnológico, principalmente no tocante a comunicação e informação. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois ao dizer que “eu quero entrar na rede para ...” o cantor deixa claro que está projetando coisas que ainda quer fazer com a internet.

A alternativa B está incorreta, pois não há referências na letra ao trabalho do compositor em exclusividade com a internet. Ele apenas aponta possibilidades.

A alternativa C está incorreta, pois não há crítica ao trabalho policial, apenas uma referência a uma ação possível da polícia usando a tecnologia.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao vazamento de canções antes do lançamento na música.

Gabarito: D



Referências

- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das letras, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes. O ensino da literatura. São Paulo: José Olympio, 1973.
- COSTA, Angela Marques e SCHWARCZ, Lilia. 1890 – 1914: No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PASCOALIN & SPADOTO. Gramática: teoria e exercícios. São Paulo, FTD, 1996.

Considerações finais

Querido aluno,

Chegamos ao fim do nosso curso de Literatura para o ITA!

Espero que tenha sido proveitoso para você e que ajude você na hora da sua prova e desse momento tão importante.

A partir de agora, vamos nos dedicar às obras de leitura obrigatória para o ITA esse ano.

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Boa prova e bons estudos!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	08/06/2020	Primeira versão do texto.

